

EDITORIAL

Nesta edição, nosso tema é o envelhecimento e as possibilidades de atuação do psicopedagogo com esta população. Como bem ressalta Denise Costa Ceroni, no primeiro artigo deste boletim, *“...há uma emergência para que as pessoas continuem construindo aprendizagens ao longo de suas vidas.”* É imperativo que os psicopedagogos conheçam as especificidades dessa população e suas necessidades para que o trabalho psicopedagógico seja um divisor entre a saúde mental e física em oposição à doença e desamparo.

Entre outros conteúdos a serem estudados estão a atenção e a memória do idoso. Neste sentido, convidamos Martha Kortas, que com sensibilidade nos dá uma breve aula sobre este tema. Para complementar, convidamos a Dra. Isabella Gattás para nos contar sobre o envelhecimento cerebral e, de certa forma, confirma a importância do atendimento psicopedagógico quando diz: *“O envolvimento em atividades intelectualmente estimulantes, físicas e sociais está associado a uma maior reserva cognitiva e menor risco de comprometimento cognitivo.”*

Eliana Moura, em seu relato de experiência, nos dá um gostinho de como o trabalho psicopedagógico pode fazer a diferença na vida de uma idosa, Lila. E para finalizar, convidamos Julia Eugênia Gonçalves, uma de nossas pioneiras na Psicopedagogia, fundadora do Núcleo Sul Mineiro da ABPP, para contar sobre seu livro lançado este ano *“Psicopedagogia para Adultos e Idosos – diagnóstico e intervenção”*.

“2020”, ano tão atípico, trouxe desafios e novas aprendizagens tanto para nossa diretoria como para o nosso Conselho Estadual e Vitalício. No primeiro semestre as plataformas digitais favoreceram nossas associadas do interior e da capital, nos aproximando das associadas dos demais Núcleos e Seções integrantes da ABPP de outros estados brasileiros. Estimulados a aprofundar temas significativos à práxis psicopedagógica realizamos nos últimos 7 meses: 11 lives pelo Instagram; o 1º. Encontro Estadual da Seção São Paulo; um Estudo de Caso e um Fórum de reflexão sobre as questões levantadas pelos associados em nosso canal do WhatsApp sobre o atendimento on line. Utilizamos a plataforma Zoom e inaugurando nosso canal do YouTube com um mini curso sobre Avaliação Psicopedagógica.

O 1º. Encontro Estadual trouxe grandes desafios de logística e de planejamento. Nossa avaliação foi exitosa, considerando a proporção do investimento humano e tecnológico exigido. Convidamos profissionais atuantes na pesquisa científica para a atualização de nossos associados. Contamos também com a presença da presidente da ABPP Nacional que complementou as falas destes profissionais com uma visão psicopedagógica mais subjetiva, tão importante quanto os conhecimentos da neurociência.

Para comemorar o Dia do Psicopedagogo, realizamos com muito carinho o Tributo à Alicia Fernández, com a presença de Jorge Cruz, atual diretor do E.PSI.B.A. Neste evento, pudemos resgatar as fontes e a essência de nossa prática como atuação. Jorge não nos traz respostas, mas sim nos move a fazer mais perguntas e reflexões sobre nossa prática, nossa escuta e nos recorda que a Psicopedagogia é uma ciência completa na área da educação e da saúde e que tem interfaces com outras ciências.

Com o apoio de uma diretoria atuante e um conselho estadual e vitalício presentes e atentos às demandas dos associados, terminamos o semestre com a sensação de dever cumprido e nesta edição celebramos todas as ações desenvolvidas. Agradecemos aos associados a presença maciça em nossas ações e reflexões que mobilizou tantas dúvidas e principalmente aprendizagens.

Rebeca Lescher

Diretora Presidente da ABPP SP (gestão 2020 - 2022)

PROJETO SOCIAL

Projeto Social, no ano da pandemia

Mundo afora, todo e qualquer plano de trabalho definido para esse ano de 2020, sofreu adaptações na sua execução, a partir da declaração do estado de pandemia pela Covid-19, em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que impôs o distanciamento social como medida essencial de prevenção.

Nesse sentido, respaldadas pelo **CÓDIGO DE ÉTICA** do psicopedagogo que em seu parágrafo 2º prevê que **“a intervenção psicopedagógica ocorre com diferentes sujeitos e sistemas, quer sejam pessoas, grupos, instituições e comunidades”**, retomamos uma ação já realizada anteriormente: a intervenção psicopedagógica institucional em uma unidade de Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes – SAICA Edith Stein.

Em reuniões previamente agendadas os profissionais desta unidade da SAICA contaram sobre o cotidiano da instituição e a partir da demanda institucional pudemos elaborar um roteiro de trabalho que se adaptou ao cotidiano dos educadores e técnicos, que continuamente se atualizam e ampliam suas práticas.

A atividade conjunta entre **ABPP SP** e **SAICA** tem sido possível, porque conta com o apoio da **Cooperativa do Bem**, ONG que articula parcerias como esta.

Associe-se à **ABPP SP** e participe deste projeto!

M^ª Cristina Natel e Sandra N. Santilli - Coordenação do Projeto - gestão 2020/2022

Procure mais informações em: <http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

AGENDA CULTURAL

Fevereiro – 1ª Reunião do Projeto Social ABPP SP

Março – 1ª Reunião do Conselho Estadual ABPP SP

Abril - Curso para associados

Mai – Curso para associados

Junho - Titularidade

Julho - Curso para associados

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br
saopaulo@saopauloabpp.com.br
contato: 11 9.6416-1030



Aprender por toda a vida

Denise Costa Ceroni - Doutora e Mestre em Educação/UFRGS; Especialista em Psicopedagogia Clínica com Abordagem Institucional e Terapêutica/UniRitter; Pedagoga/ UniRitter; Professora Universitária. Experiência em Formação Docente. Coordenadora de Pós Graduação em Educação (2011/1018); Mediadora de Conflitos; Coordenadora do Grupo Revivendo a Vida (2004/2019).

“Para compreender a realidade e a significação da velhice, é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares”. (BEAUVOIR, 1990)

Vivemos em um mundo globalizado e, aparentemente, sem fronteiras. Esses tempos atuais são marcados pela rapidez das informações, pelo desenvolvimento da tecnologia e, também, pela quebra de paradigmas o que evidencia a ruptura de antigos valores. Sendo assim, há uma emergência para que as pessoas continuem construindo aprendizagens ao longo de suas vidas. A adaptação e a inclusão das pessoas em processo de envelhecimento nessa sociedade precisam ser (re)pensadas, planejadas e acreditadas como favorecedoras de uma velhice bem sucedida e feliz. Em contrapartida à ideia estabelecida de que a velhice é lembrada como decadência e fragilidade, além da carência de papéis sociais. Por isso, precisamos refletir sobre a relevância da Psicopedagogia, enquanto área de conhecimento voltada para a aprendizagem, sua articulação com o envelhecimento humano e como promotora de bem-estar.

Como viver a velhice em tempos tão conturbados? Como ser sujeito em processo de envelhecimento e continuar aprendendo? Envelhecimento, Educação e Psicopedagogia são conceitos vitais que se relacionam ao longo de toda a vida. Se acreditarmos na educação como um processo que humaniza e que pode transformar a vida das pessoas poderemos reconhecer a relevância das ações pedagógicas e psicopedagógicas criadas e direcionadas às pessoas adultas e idosas. Além disso, a educação é uma das tantas oportunidades de formação integral dos sujeitos, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. E se pensarmos a educação como algo permanente é possível reconhecer a estreita relação entre viver e aprender. Viver aprendendo e envelhecendo.

Pensando na Psicopedagogia como um dos fios que tecem o tecido social e considerando a sua importância, é imprescindível sua participação no processo de envelhecimento humano. Os fazeres psicopedagógicos embasados pelos conhecimentos científicos, frutos de pesquisas, estudos e experiências são essenciais para a construção de um novo jeito de olhar e escutar as pessoas em processo de envelhecimento humano. Conforme Fernández (2001, p. 55)

o objeto da psicopedagogia não é, então, no meu ponto de vista, o conteúdo ensinado ou o conteúdo aprendido ou não-aprendido; são os posicionamentos ensinantes e aprendentes, e a intersecção problemática (nunca harmônica), mas necessária, entre conhecer e o saber.

Não há como pensar em uma velhice feliz sem contar com a potência que emana da Psicopedagogia, pois ao conceber a Psicopedagogia como área de conhecimento que se debruça sobre a aprendizagem em diferentes etapas da vida, é possível compreender tal potência. Ao referir sobre a velhice é fundamental compreendê-la como uma categoria social e historicamente construída representativa de um tempo e de um território.

Desde o ano de 2004, venho dedicando minha vida em prol de estudos realizados sobre o envelhecimento humano tenho participado como docente e, também, estive na coordenação de um grupo de convivência composto por pessoas adultas e idosas. Portanto, posso afirmar que o processo de envelhecimento humano pode ser uma oportunidade de resgatar as histórias de vida, inclusive a escolar, ressignificar as memórias e aprender com o “outro” a ser melhor e a viver mais feliz. Concordo com Doll (2007, p.119) quando afirma que “aprender a lidar com algo que não existia quando os idosos de hoje estavam em idade escolar é um desafio importante para a educação”.

Nos grupos de convivência os estudantes adultos e idosos descobrem-se capazes de continuar a pensar e a criar, experimentam a alegria de ser autor, mediados pelo outro. As atividades pedagógicas e psicopedagógicas oferecidas em ambiente acadêmico procuram dar conta dos desejos e das necessidades dos estudantes adultos maduros e idosos. É preciso levar em consideração os saberes construídos ao longo de toda a vida. De acordo com Debert (2004, p. 162) “em resumo, vale a pena repetir que programas foram e estão sendo criados para resgatar a dignidade do idoso, reduzir os problemas de solidão, quebrar preconceitos e estereótipos que os indivíduos tentem a internalizar”. Pois a vida pode ser plena e feliz até o fim.

Referências:

- ✓ BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ✓ DEBERT, Grita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.
- ✓ DOLL, Johannes. *Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida*. In: NERI, Anita Liberalesso (org) *Idosos no Brasil: vivências. Desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.
- ✓ FERNÁNDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente*. Tradutoras Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi (trad.) Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

MEMÓRIA E ENVELHECIMENTO

Martha Kortas Hajjar Veiga de Carvalho - Psicóloga, Neuropsicóloga, Especialista em Rorschach, Terapeuta de casal e família, colaboradora no Serviço de Psicologia e Neuropsicologia do IPq-HCFMUSP.

O objetivo deste artigo sobre “Memória e Envelhecimento”, é trazer uma visão sobre o tema de maneira dinâmica e interessante para os leitores.

Levando em consideração que a aprendizagem e a memória recebem influências das vivências diárias de cada um, Gabriel Garcia Marques em sua obra prima *Cem Anos de Solidão*, descreve uma estranha praga que invade uma pequena vila e rouba as memórias das pessoas. Os habitantes perdem inicialmente lembranças pessoais, depois esquecem os nomes e as funções de objetos comuns. Para combater a praga, um homem, coloca etiquetas escritas em todos os objetos de sua casa. Ele logo percebe, no entanto, a futilidade dessa estratégia, pois no fim, a praga acaba destruindo até mesmo seu conhecimento de palavras e letras.

Segundo Kandel (2014), podemos afirmar que o aprendizado se refere a uma mudança no comportamento resultante da aquisição de conhecimento acerca do mundo e a memória, é o processo pelo qual este conhecimento é codificado, armazenado e posteriormente evocado.

Também é sabido que Jeanne Luise Calment, conhecida como namorada de Van Gogh bateu o recorde de longevidade, vivendo 122 anos e 164 dias, tendo gozado de plena saúde nestes anos quando faz algumas considerações e frases como:

“A juventude é um estado da alma, não do corpo, por isso continuo sendo uma garota.”

“Tenho uma única ruga e estou sentada sobre ela.”

“Sorrir sempre. Creio que essa seja a causa da minha longevidade...”

Após ler estes relatos, o que podemos concluir?

A importância da memória na nossa vida é também sua importância na vida longa e saudável.

Como isto acontece na nossa vida?

O envelhecimento do organismo como um todo ou a chamada “Senescência orgânica” pode estar relacionado com o fato das chamadas células somáticas do corpo irem morrendo, não sendo substituídas por novas como acontece na juventude. O motivo é que para a substituição poder acontecer, estas células têm de se dividir criando cópias que vão ocupar o lugar deixado vago pelas que morrem.

Neste processo, também podemos perceber a redução da capacidade de responder a estresses biológicos. Estes desafios, em geral, oneram a capacidade funcional de nossos órgãos e sistemas, que decaem com o passar dos anos. É interessante que em indivíduos jovens e saudáveis, esta capacidade funcional se encontra muito além do necessário para o cotidiano, formando a denominada reserva funcional. Vale a pena notar que a redução das reservas funcionais em seres humanos é lenta e progressiva, sendo compatível com a vida saudável em idades tão avançadas como a dos centenários. É o estresse adicional das doenças (especialmente as doenças crônicas) e dos maus hábitos de vida (como tabagismo, alcooolismo, sedentarismo, obesidade e outros) o grande vilão para a saúde do idoso: Trazendo insuficiências orgânicas em idades avançadas.

E em relação à Memória?

Voltando para a memória, não podemos esquecer-nos da Atenção, nossa porta de entrada. Sem ela, nosso processo de memorização fica comprometido. De acordo com Sohlber(2011), para analisar a atenção, são necessárias algumas considerações e cautelas, como a necessidade de se investigar cansaço, sonolência, uso de substâncias psicoativas como álcool e interesse com a tarefa, que poderão influenciar a análise desta função.

A Memória não é uma função cognitiva somente relacionada ao armazenamento e evocação de informações aprendidas. Trata-se de um processo fundamental para modular comportamentos a partir da formação de repertório de ações variáveis que permitem ao indivíduo adequar-se ao ambiente e à sociedade.

Com base em estudos realizados, estes demonstraram que a memória não é um registro fiel de todos os detalhes de cada experiência, dizemos que o passado pode ser esquecido ou distorcido. Memórias evocadas são resultantes de uma interação complexa entre diferentes regiões encefálicas, podendo ser modificadas por experiências múltiplas. Várias formas de esquecimento e distorção dizem muito acerca da flexibilidade da memória, permitindo que o encéfalo se adapte ao ambiente físico e social.

Segundo **Freud** “cada um envelhece de seu próprio modo. Considerar a singularidade de cada velhice é fundamental para se conceber que o idoso aproveitará o seu futuro de forma única para, a partir do inconsciente, tratar o real”.

Resumindo: a chave para manter um cérebro jovem e saudável, é a mesma para o restante do corpo: alimentação saudável, evitar alto consumo de álcool, fumo e estresse, praticar exercícios, evitando outras doenças ou mesmo mantendo-as controladas. Somos um ser complexo, onde tudo está interligado gerando consequências para a nossa qualidade de vida e longevidade.

Referências:

- ✓ Izquierdo I. Memória, 2.ed. Porto Alegre: Artmed:2011. p. 7.
- ✓ Kandel E.R. Schwartz J.H., Jessell T.M. Siegelbaum S.A. Hudspeth A.J. Princípios de Neurociências. Artmed Editora Ltda, 2014.
- ✓ Lezak M.D. Neuropsychological assessment. New York: Oxford University Press, 2004.
- ✓ Scholberg MM., Mateer CA., Reabilitação Cognitiva: uma abordagem neuropsicológica integrada. São Paulo: Santos; 2011.

Envelhecimento cerebral bem sucedido e as consequências da pandemia de COVID-19

Dra. Isabella F. Gattás Vernaglia (CRM-SP 141251) /Contato:
isagattas@gmail.com

Graduação em Medicina e Residência em Clínica Médica pela Santa Casa de São Paulo. Residência em Geriatria pela FMUSP. Título de Especialista em Geriatria pela SBBG. Complementação Especializada em Distúrbios Cognitivos pelo Serviço de Geriatria da FMUSP. Doutora em Ciências Médicas pela FMUSP. Médica do Serviço de Oncogeriatrics do Instituto do Câncer de São Paulo (ICESP). Médica da equipe de Oncogeriatrics do Hospital Sírio-Libanês

O envelhecimento é um processo fisiológico global que resulta na perda progressiva das funções orgânicas. Apesar da idade cronológica não ser um marcador preciso, a Organização Mundial de Saúde define como idoso todo indivíduo com 60 anos ou mais. Assim como em outros órgãos e sistemas, ocorre o envelhecimento cerebral que, em termos clínicos, caracteriza-se por um declínio progressivo de funções cognitivas. Com o passar dos anos, ficam especialmente prejudicadas as funções associadas à memória de trabalho (atividade de armazenamento temporário e de utilização de informação ligada especificamente à realização de uma tarefa), memória episódica (memória de eventos autobiográficos) e velocidade de processamento. Um outro domínio cognitivo que se modifica com a idade é a função executiva, a qual diminui mais drasticamente após os 70 anos e é fundamental para o envolvimento em um comportamento intencional, independente e auto conservador.

Por outro lado, enquanto algumas funções declinam, outras melhoram. Habilidades e conhecimentos que são super aprendidos, bem praticados e familiares, como vocabulário ou conhecimento geral, permanecem estáveis ou melhoram até a sétima década. A capacidade de reconhecer objetos e faces familiares, bem como manter a percepção visual adequada dos objetos, permanece estável ao longo da vida. Sendo assim, indivíduos normais possivelmente fiquem melhores naquelas funções que sempre desempenharam ao longo da vida.

Outro ponto já bem estabelecido é que o envelhecimento cognitivo é um fenômeno complexo, com grande variação entre um indivíduo e outro. Muitas vezes frente a uma queixa de memória, há existência de um período no qual haverá incerteza sobre o fato de estarmos diante de um processo natural de envelhecimento e ou das fases iniciais de um quadro demencial. Alguns indivíduos que comprovadamente não tem doença cerebral, apresentam um declínio cognitivo lento que evolui ao longo dos anos. Outros mantêm estabilidade consistente em suas funções cognitivas, podendo inclusive apresentar desempenho progressivamente melhor.

Sabe-se hoje que indivíduos com o mesmo grau de doença cerebral, podem apresentar manifestações clínicas muito diferentes. Ou ainda, alterações neuropatológicas comumente associadas às demências podem ser encontradas nos cérebros de pessoas sem demência. Fatores que sabidamente podem influenciar na ocorrência e intensidade de problemas de memória são: baixa escolaridade, perda auditiva na meia-idade, obesidade e hipertensão, depressão, tabagismo, consumo excessivo de álcool, inatividade física, diabetes, poluição ambiental e isolamento social. Fatores esses que impactam diretamente no aumento da reserva cognitiva, ou seja, na capacidade de driblar eventuais lesões neuronais e retardar o desenvolvimento de sintomas.

O envolvimento em atividades intelectualmente estimulantes, físicas e sociais está associado a uma maior reserva cognitiva e menor risco de comprometimento cognitivo. A educação formal é um dos fatores mais bem estabelecidos nesse contexto, de forma que diversos estudos mostram que a escolaridade modifica a relação entre a patologia e o nível de cognição. Dessa forma, aqueles mais escolarizados na infância apresentaram um risco reduzido de demência quando idosos. Contudo, a reserva cognitiva não é uma medida fixa formada na infância, mas continua a ser afetada por eventos e circunstâncias que ocorrem ao longo da vida. Outras atividades consideradas com efeitos protetores para a cognição são: leitura, grupos de discussão, uso do computador, participação em jogos de cartas e tabuleiro, resolução de quebra-cabeças, interpretação de instrumentos musicais e aprendizado de uma segunda língua.

Nesse contexto, a atual pandemia da COVID-19, nos traz alguns questionamentos. Além da alta letalidade, da pressão nos sistemas de saúde e das consequências econômicas, há transformações profundas nos hábitos de vida da sociedade. O distanciamento social, adotado amplamente como principal estratégia no combate à transmissão do vírus, impõe desafios particularmente para os idosos. Muitos idosos deixaram de sair de casa e de receber visitas como forma de precaução. Como isso, hábitos alimentares, nível de atividade física, engajamento em terapias de reabilitação e estímulos cognitivos em geral diminuíram consideravelmente. As consequências que essas transformações abruptas no estilo de vida irão provocar na saúde mental e física dos idosos ainda não estão claras, uma vez que se trata de uma situação nova e ainda em plena evolução.

Diante de tantas incertezas, parece imprescindível nos apoiarmos nas respostas científicas que já temos: ter uma vida saudável, com bom controle de doenças crônicas, boa alimentação, prática regular de atividade física e manter engajamento em atividades sociais (mesmo que virtuais) e que sejam cognitivamente estimulantes, certamente favorecem um bom envelhecimento cognitivo. Apesar de não serem uma garantia contra um futuro declínio, são hábitos modificáveis que podem possivelmente atenuar e postergar o surgimento de sintomas.

Referências:

- ✓ Livingston, Gill et al. Dementia prevention, intervention, and care: 2020 report of the Lancet Commission *The Lancet*, Volume 396, Issue 10248, 413–446
- ✓ Yaffe K. Modifiable Risk Factors and Prevention of Dementia. *JAMA Intern Med.* 2018 Feb 1;178(2):281.
- ✓ Stern Y, Arenaza-Urquijo EM, Bartrés-Faz D, Belleville S, Cantilon M, Chetelat G, et al. Whitepaper: Defining and investigating cognitive reserve, brain reserve, and brain maintenance. *Alzheimer's Dement.* 2018 Sep 14
- ✓ Boyle PA, Wilson RS, Yu L, Barr AM, Honer WG, Schneider JA *et al.* Much of late life cognitive decline is not due to common neurodegenerative pathologies. *Ann Neurol.* 2013; 74(3):478-89.
- ✓ Green AF, Rebok G, Lyketsos CG. Influence of social network characteristics on cognition and functional status with aging. *Int J Geriatr Psychiatry.* 2008; 23(9):972-8.
- ✓ Stern Y. Cognitive reserve in ageing and Alzheimer's disease. *Lancet Neurol.* 2012; 11(11):1006-12
- ✓ Valenzuela MJ, Sachdev P. Brain reserve and dementia: a systematic review. *Psychol Med.* 2006; 36(4):441-54.
- ✓ Garnier-Crussard A, Forestier E, Gilbert T, Krolak-Salmon P. Novel Coronavirus (COVID-19) Epidemic: What Are the Risks for Older Patients? [published online ahead of print, 2020 Mar 12]. *J Am Geriatr Soc.* 2020;10.1111/jgs.16407. doi:10.1111/jgs.16407

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Uma experiência da psicopedagogia na intervenção cognitiva com idosos

Eliana Santos Moura — assistente social especialista em psicopedagogia clínica e institucional pela Unicidade. Curso de extensão em Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e atendimento – PUC/SP; Curso de extensão em estimulação cognitiva para idosos – Associação Brasileira de Gerontologia-ABG. Curso de Capacitação em estimulação cognitiva intergeracional – Vigilantes da Memória. Atualmente estudando sobre o universo desafiador do envelhecimento. Membro do Conselho Estadual ABPP-SP gestão: (2020-2022). E-mail:emoura33@yahoo.com.br

Uma das áreas na qual a psicopedagogia pode atuar com contribuição expressiva, pois possui como diferencial, o conhecimento da aprendizagem e seus processos, é na intervenção cognitiva para adultos e idosos.

Acreditando nisso, no ano de 2019, iniciei com uma colega também psicopedagoga, um projeto intitulado “MelhoraMente”, com o objetivo de: estimular idosos a conhecerem como funcionam os processos cognitivos que interferem no desempenho das habilidades mentais; incentivar a autonomia e independência; estimular as funções cognitivas; contribuir para a redução da ansiedade, responsável por falhas intelectivas; contribuir para a melhoria da autoestima; estimular as capacidades de socialização e comunicação e incentivar a transferência dos mecanismos ativados durante as sessões, por meio de estratégias de memorização, para as atividades cotidianas. Atendemos um total de 07 (sete) mulheres entre 60 e 89 anos de idade.

Falarei sobre Lila, 89 anos de idade, viúva, mãe de um único filho. Casou-se muito cedo, tornou-se dona de casa, vivendo em função dos cuidados do marido, filho e netos, deixando para trás o estudo formal, bem como o trabalho remunerado. Importante ressaltar que no rastreamento cognitivo realizado antes do início dos atendimentos, Lila não apresentou comprometimentos importantes, portanto, trabalhamos na perspectiva da melhoria das capacidades cognitivas preservadas.

No decorrer das sessões, pudemos verificar que o vínculo que Lila possuía com a aprendizagem era permeado por uma constante necessidade de aprovação, denotando insegurança e medo de errar, onde sempre colocava em dúvida a sua capacidade de desenvolver as atividades propostas.

Conduzíamos as atividades de maneira a levá-la a melhorar sua autoestima, reforçando sempre que o processo percorrido para o desenvolvimento de determinada tarefa, era o foco, fazendo-a entender que o que menos importava ali era o resultado final. Para tanto, estimulávamos o resgate de situações vivenciadas no passado, seja na fase escolar ou quando trabalhava numa confecção, rememorando sensações prazerosas de momentos importantes de sua vida.

O desenvolvimento desta atividade em grupo potencializa resultados, na medida em que há a troca de experiências, onde o grupo se autoajuda, principalmente no resgate das memórias.

No final de dez meses de atividades que ocorriam uma vez por semana por aproximadamente uma hora e meia, Lila mostrou-se mais segura perante o grupo e na realização das atividades propostas, relatando estar mais atenta às tarefas que exercia no seu cotidiano, passando a situar-se melhor com relação ao tempo, pois agora, fazia uso do calendário (estratégia externa), algo que estimulávamos que as participantes do projeto fizessem. As atividades de intervenção cognitiva e a socialização provocada pelo grupo despertaram em Lila uma maior confiança em si.

Referências:

- ✓ GONÇALVES, Júlia Eugênia – **Psicopedagogia para adultos e idosos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.
- ✓ RIBEIRO, Priscila Cristina Correa, YASSUDA, Mônica Sanches. **Cognição, estilo de vida e qualidade de vida na velhice**. In: NERI, Liberalesso Anita (ORG). *Qualidade de vida na velhice – enfoque multidisciplinar*. 2.ed. Campinas: Alínea Editora, 2011, p. 189-204.
- ✓ SILVA, Thaís Bento Lima da, et.al. **Envelhecimento demográfico e cognitivo e a funcionalidade da população brasileira**. In: SANTOS, Franklin Santana (ORG). *Estimulação Cognitiva para Idosos–ênfase em memória*. 2.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018, p-01-08.
- ✓ SILVA, Thaís Bento Lima da, SILVA, Henrique Salmazo da. **Saúde cognitiva e promoção do envelhecimento cognitivo bem-sucedido**. In: SANTOS, Franklin Santana (ORG). *Estimulação Cognitiva para Idosos–ênfase em memória*. 2.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018, p. 09-14.

RESENHA DE LIVRO

Psicopedagogia para Adultos e Idosos: diagnóstico e Intervenção

Júlia Eugênia Gonçalves - Editora Wak

Júlia Eugênia Gonçalves - Formada em História pela Universidade Federal Fluminense, é Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica por EPSIBA – Buenos Aires e em Administração dos Sistemas Educacionais pela UFF/RJ; Mestra em Educação – área de concentração Psicopedagogia – pela UFF/RJ. Concluiu os créditos do Doutorado em Filosofia pela Universidade de Leon, Espanha. Especialista em Ambientes Virtuais de Aprendizagem pela OEI - Organização dos Estados Ibero-Americanos; especialista em Inovação e gestão da EAD pela USP/SP. Mediadora do PEI níveis I e II; Presidente da Fundação Aprender, Varginha/MG; Membro do Conselho Nato do Núcleo Sul Mineiro da ABPP. Este livro veio preencher uma lacuna na literatura psicopedagógica a respeito do trabalho voltado para este público, já que o encontrado até sua publicação existia em forma de artigos, em revistas especializadas.

Investir no processo de aprendizagem, objeto de estudo da Psicopedagogia, passou a ser relevante também para a população adulta e idosa no país, que aumentou consideravelmente em função do progresso da medicina e das condições de saúde e qualidade de vida, em geral. Houve ampliação de ingresso na educação formal, assim como de oportunidades de retorno ao ambiente de trabalho para estas pessoas, que passaram a procurar o atendimento psicopedagógico para potencializar ou remediar questões relacionadas à aprendizagem, vista como um diferencial para a inclusão social.

Esta situação criou novas demandas para os profissionais da Psicopedagogia, exigindo conhecimentos a respeito desta faixa etária a fim de poder prestar-lhes um atendimento eficaz.

A obra é dividida em 3 capítulos: O primeiro, de caráter mais teórico, aborda o tema da motivação ao longo da vida, além de caracterizar o adulto como um ser maduro, capaz de gerir e autogerir sua aprendizagem, trazendo informações a respeito da Andragogia e da Heutagogia como propostas educativas para esta população. Aborda também o conceito de idoso, o processo de envelhecimento e as patologias mais comuns na terceira idade, fazendo distinção entre senescência – envelhecimento natural – e senilidade – envelhecimento com demências. Ressalta que os resultados de um trabalho psicopedagógico são sensíveis em relação aos idosos senescentes ou para aqueles que se encontram em fase demencial inicial.

No segundo capítulo é realizada uma revisão dos princípios básicos que norteiam um diagnóstico psicopedagógico no âmbito da clínica, estabelecendo suas características e trazendo sugestões práticas a respeito de instrumentos para serem aplicados desde a fase de coleta de dados até a confirmação das hipóteses diagnósticas. Traz ainda reflexões sobre a condução da sessão devolutiva.

Por fim, no terceiro e último capítulo, a intervenção com adultos e idosos é apresentada em suas particularidades, assim como os aspectos transferenciais que a envolvem, “*pari passo*” com técnicas e materiais voltados especificamente para este grupo de pessoas.

O livro não se esgota em si. Pelo contrário, abre possibilidades para que os psicopedagogos reflitam a respeito do campo de trabalho com adultos e idosos; se interroguem sobre as habilidades que precisam desenvolver; busquem processos de educação continuada que lhes permitam adquirir novas competências, tendo em vista que o profissional que atua com aprendizagem precisa se situar sempre como um potencial aprendente.

ACONTECEU

Neste espaço divulgamos e registramos, por ordem de realização, os eventos promovidos pela ABPp Seção São Paulo, durante o final do 1º semestre e 2º semestre de 2020.

- **24/06 (4ª feira)** - LIVE com Rebeca Lescher e Glória Teixeira – Tema: “Leitura e Contação de História”.

- **30/06 (3ª feira)** - LIVE com Sandra Lia N. Santilli e Maria Cristina Natel – Tema: “Compartilhando Experiências... O Fazer Psicopedagógico na Instituição.”

- **04/08 (3ª feira)** – LIVE com Valéria Rivelino e Márcia Affonso - Tema: “Psicopedagogia na Empresa. Como?”

- **13/08 (5ª feira)** – LIVE com Neide Noffs e Márcia Verri – Tema: “A Construção Psicopedagógica no Brasil: um olhar múltiplo.”

- **29/08 (sábado)** – Plataforma ZOOM - **1º Encontro Estadual de Psicopedagogia da Seção São Paulo**

Palestrantes: Márcia Toledo, Simaia Sampaio, Telma Pantano e Tatiana Mecca.

- **02/09 (4ª feira)** – Plataforma ZOOM com Sônia Colli e Rebeca Lescher – Tema: “Estudo de Caso.”

- **08/09 (3ª feira)** – LIVE com Carla Labaki e Andréa Racy – Tema: “O Brincar e o Educar nos Dias de Hoje.”

- **14/09 (2ª feira)** - LIVE com Edith Rubinstein, Domitilla Miranda, Maria Cristina Natel – Tema: “O que é Mediação?”

- **21/09 (2ª feira)** - LIVE com Suely Mesquita e Daniella Robbi – “Ansiedade Matemática.”

- **01/10 (5ª feira)** – LIVE com Luciana Contesini e Paula Roberta M. F. de Castro – Tema: “Disfluência.”

- **14/10 (4ª feira)** – LIVE com Flávia Foz e Sandra Rindeika – “Ortografia.”

- **24/10 (sábado das 9h às 12h)** – Pelo YouTube da Seção SP - Mônica Mendes e Rebeca Lescher – Mini Curso: “Avaliação Psicopedagógica.”

- **29/10 (5ª feira)** - LIVE com Stela Camargo e Ruth Nassiff – Tema: “Soroban, como instrumento de intervenção Psicopedagógica.”

- **12/11 (5ª feira)** - Plataforma ZOOM - **COMEMORAÇÃO DO DIA DO PSICOPEDAGOGO** – Tema: “A conquista de novos espaços na atuação psicopedagógica”, **TRIBUTO À ALICIA FERNÁNDEZ** com Jorge Gonçalves da Cruz e Ariane Zanelli.

- **18/11 (4ª feira)** – Plataforma Zoom – Grupo Emergencial da ABPp Nacional com Maria Cristina Natel, Simone Carlberg e Cheila Mussi.

- **25/11 (5ª feira)** – Live com Dra. Daniella Bariani e Andréa Racy – Tema: “Conhecendo mais o TDAH.”

BIBLIOTECA

Sugestões de leitura sobre transtornos do neurodesenvolvimento:

- Khoury, L. P.; TEIXEIRA, M. C. T. V.; Carreiro, L. R. R.; Schwartzman, Jose S.; RIBEIRO, A. F.; CANTIERE, C. N. . Manejo comportamental de crianças com transtornos do espectro do autismo em condição de inclusão escolar. 1. ed. São Paulo: Memnon, 2014. v. 1. 52p. Disponível em: <https://memnon.com.br/manejo-comportamental-de-criancas-com-transtornos-do-espectro-de-autismo-em-condicao-de-inclusao-escolar-2020/>

- COMUNIDADE APRENDER CRIANÇA - CAC. Cartilha da Inclusão Escolar: inclusão baseada em evidências científicas (Ed. Instituto Glia, 2014). Disponível em: <https://institutoglia.com.br/wp-content/uploads/2018/11/Cartilha-da-Inclusao-Escolar-para-sites.pdf>



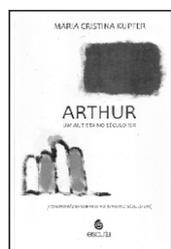
Psicopedagogia: Do Ontem ao Amanhã
Avanços e Perspectivas
Org: Leda Maria Codeço Barone – Luciana Barros Almeida – Márcia Alves Simões Dantas – Laura Monte Serrat Barbosa
Wak Editora



21 lições para o século 21. (2018)
Yuval Noah Harari
Companhia das Letras



Pequeno dicionário de Palavras ao Vento. (2013)
Adriana Falcão
Ed. Salamandra



Arthur – Um autista no século XIX. (2020)
(Com posfácio sobre o autismo no século XXI)
Maria Cristina Kupfer
Ed. Escuta

EXPEDIENTE – DIRETORIA EXECUTIVA 2020 / 2022

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETORA PRESIDENTE: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

DIRETORA VICE-PRESIDENTE: Andréa de Castro Jorge Racy

DIRETORA SECRETÁRIA: Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

DIRETORA SECRETÁRIA ADJUNTA: Paula Roberta Martins Fernandes de Castro Santos

DIRETORA FINANCEIRA: Helena Maria Barbosa da Silva

DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA: Márcia Alves Verri

DIRETORA CULTURAL: Cecília Gereto de Mello Faro

DIRETORA CULTURAL ADJUNTA: Ruth Nassiff

DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Maria Lúcia Moura Caruso

DIRETORA ADJUNTA DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Daniella de Moura Pereira Robbi

PROJETO SOCIAL

COORDENADORAS DO PROJETO SOCIAL:

Maria Cristina Natel e Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Ariane Zanelli de Souza

Camila Barbosa Riccardi León

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Claudia Maria Laureano Moreno

Eliana Santos Moura

Ernani Pereira Junior

Márcia Alves Affonso

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

Sílvia Amaral de Mello Pinto

CONSELHO FISCAL:

Márcia Maria Machado Monteiro

Ymei Uvo de Sá Trench

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

EDITORA DE REDAÇÃO: Andréa de Castro Jorge Racy

CONSELHO EDITORIAL: Ariane Zanelli de Souza, Maria Cristina Natel e Cecília Gereto de Mello Faro

COLABORAÇÃO: Daniella de Moura Pereira Robbi, Maria Lúcia Moura Caruso, Ruth Nassiff, Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

TIRAGEM: 500 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF